

História De Amor Dividida Em Quatro Atos¹

Jéssica Moreira Gurgel GUERRA²

Emanoel Francisco Pinto BARRETO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

A reportagem narra a trajetória e entraves enfrentados por Anderson Carlos da Silva e George Tales da Silva, pioneiros da União Civil Estável Homoafetiva no cartório do município de Canguaretama, interior do estado do Rio Grande do Norte. Ao utilizar a linguagem literária como recurso a autora dispõe de forma narrativa a história que se divide em quatro atos, na qual o “ATO I” explana acerca da expectativa do casal e da reação dos moradores no exato dia da oficialização do relacionamento no Ofício de notas da cidade onde residem; o “ATO II” expõe a experiência da repórter, a festa de comemoração da união, ocorrida na noite posterior ao registro de parceria reconhecida e o período de lua de mel; o “ATO III” narra a biografia e o olhar particular de cada um dos parceiros na tarde do primeiro encontro e o “ATO IV” descreve o desenlace da história.

PALAVRAS-CHAVE: reportagem; linguagem literária; União Civil Estável Homoafetiva; Comunicação; Jornal Livre.

1 INTRODUÇÃO

A começar pelo título, a reportagem “História De Amor Dividida Em Quatro Atos” utiliza-se de recursos estilísticos presentes na linguagem narrativa para expressar o sentimento vivenciado por Anderson Carlos da Silva e George Tales da Silva. A criação de uma aura dramática, a partir do ponto de vista literário, impulsiona a interpretação na qual os personagens principais são atores sociais do enredo, ao mesmo tempo em que a

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo.

² Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: jessicamgguerra@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social e Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1980). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004). Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Atualmente é professor Adjunto I da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: realidade social, jornalismo impresso, cultura, email: e.barreto@ufnet.br.

linguagem liberta de padrões esquematizados proporciona a reinvenção da gama de interpretações dos leitores. Sobre o gênero, Pena (2008, p.21) define o Jornalismo Literário como

linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos [...] Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata de informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia.

Os sentimentos particulares, ao longo do texto, são disseminados com base no diálogo com os próprios protagonistas que, por conseguinte, foram esculpidos através da vivência real e local de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Norte. É nesse âmbito inalienável que o termo “atos” constitui não somente a essência do cabeçalho, mas também o imo contextual da narrativa como um todo. Sob os aspectos diversos que se manifestam no interior do discurso literário Rezende (2002, p.54) afirma que “a regra básica parece consistir em se empenhar para tirar a palavra do lugar comum”. Paralelamente a isso, o termo “atos” marca, ainda, a descrição temporária de um ciclo de ação completo, funcionando como elo para a narração da história e seus períodos distintos de tempo. E, dessa forma, o enredo como um todo se torna o produto de uma história dúbia de contestação ao *status quo* de um município interiorano conservador, além de demonstrar a possibilidade de naturalização de uma vivência amorosa entre dois seres humanos, independente do gênero de cada um.

2 OBJETIVO

A finalidade da reportagem “História De Amor Dividida Em Quatro Atos” é expor não somente o cotidiano do casal homoafetivo Anderson Carlos da Silva e George Tales da Silva, mas também demonstrar o impacto social quando o tema abordado é a homossexualidade. No processo de apuração os dados e fatos colhidos evidenciam que direitos civis reconhecidos em âmbito nacional nem sempre são conhecidos em parcelas da sociedade brasileira, principalmente quando são questionados em uma realidade local. O texto foi inicialmente produzido como reportagem para o Caderno de Comportamento do

Projeto de Extensão Jornal Livre⁴, que visa a institucionalização de um jornal impresso independente e laboratorialmente produzido por alunos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

3 JUSTIFICATIVA

“História De Amor Dividida Em Quatro Atos” trata de um tema que divide opiniões interpessoais, em um processo de timidez e exibição que se manifesta, ou não, dependentemente do contexto religioso, político e social. Assim, a narração do enredo de George e Anderson não se limita apenas ao casal: ela perpassa também a história de tantos outros “georges” e “andersons” pelo mundo. Como abordar um tema tão delicado a não ser pela naturalização do casal protagonista? Como evidenciar a fragilidade social como um todo sem citar as angústias e situações constrangedoras vivenciadas pelos personagens principais? Como adentrar na história e explicar acerca de uma nuvem de sentimentos e contradições sem utilizar-se da linguagem narrativa?

Todavia, é importante observar, antes de prosseguir a contextualização da narrativa, a liberdade observada no jornalismo literário ao longo dos anos. O processo de contestação de uma situação, que anteriormente era reproduzida por grande maioria dos indivíduos como o único caminho a ser seguido, nos faz repensar a proximidade dos personagens protagonistas e da natureza questionadora do período do Novo Jornalismo. De acordo com Necch (2009, p.103-104),

quando se fala em jornalismo literário, eventualmente há uma tendência equivocada de confundir o gênero com o “novo jornalismo”, como se fossem sinônimos. Na verdade, o novo jornalismo é um momento específico, uma fase do jornalismo literário verificada nos anos 1960 e ancorada, principalmente, no surgimento de obras de autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe. Aquela década era propensa ao questionamento e à ruptura. O mundo ainda vivia uma espécie de “ressaca” da Segunda Guerra Mundial, que de 1939 a 1945 destruiu diversos países e matou milhões de pessoas. Naquele cenário, a contracultura tomava força.

⁴ Jornal Livre é um projeto que visa desenvolver habilidades e conhecimentos essenciais para a construção de profissionais mais capacitados para trabalhar no mercado do jornalismo impresso. O projeto teve início desde o ano e conta inicialmente com a participação de 50 alunos, oriundos de vários períodos e habilitações do curso, que trabalham em equipe na implantação do primeiro jornal laboratório de Comunicação Social da UFRN. Com uma linha editorial independente e autônoma, o Jornal pretende transpor os muros da Universidade e levar à população uma nova perspectiva crítica sobre a cidade, isenta de amarras políticas e mercadológicas. A ação de extensão prevê também o desenvolvimento de oficinas de jornalismo impresso em escolas públicas, a fim de incentivar a prática da comunicação nesses espaços.

Dessa forma, o livre-arbítrio proporcionado pela linguagem narrativa condiz com a expressividade dos protagonistas, em plenitudes distintas, de diversas reportagens literárias, em diferentes períodos de tempo ao longo da história. E se traduz também sobre os personagens principais da narrativa “História De Amor Dividida Em Quatro Atos”. “Não existem formulas científicas no jornalismo, especialmente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único” (KOTSCHO, 2005, p. 14).

Afrontar o juízo comum e embarcar no retrato da subjetividade de um pensamento que transpõe o nosso é vivenciar por um espaço de tempo os costumes e tradições de um ser diferente, afinal “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar” (LAGE, 2001, p.23).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A linguagem narrativa foi empregada como artifício libertador da estrutura padrão de reportagens geralmente produzidas para um jornal de periodicidade diária. “O *lead* foi um avanço na técnica e no estilo mas reduziu muito a dimensão dos fatos. Nota-se uma insatisfação do leitor e de muitos profissionais diante da notícia esquematizada, em estilo quase telegráfico, seja ela nacional ou estrangeira” (AMARAL, 1982, p. 53). O descompromisso com a obrigatoriedade de respostas às perguntas-chave (O quê? Onde? Quando? Por quê? Quem? Como?), lançadas no primeiro parágrafo, gera a expectativa sobre a continuidade da trama e o desenlace da história. Neste contexto é especulado que “o jornalista precisa voltar às fontes do romance realista que os escritores contemporâneos rejeitam [...], sobretudo no que se refere a juízos literários, [...]” (WOLFE apud MEDINA 1988).

No desenvolvimento do texto a autora optou pela humanização dos personagens. Embora a divisão da narrativa em “atos” impulse a criação de uma aura dramática, os protagonistas são seres com falhas e virtudes e, portanto, não existe a projeção de indivíduos perfeitos ou enquadrados em estereótipos conceituais. De acordo com Dines (2001, p.57), no jornalismo “cada um desempenha muitos papéis [...], o que significa dizer que cada ser humano tem um universo dentro de si. Não existe o bom e o ruim, o “mocinho” e o “bandido”, segmentados em papéis estanques, maniqueístas. Dependendo dos estímulos, certos aspectos de uma personalidade ganharão preponderância, enquanto

outras circunstâncias podem atenuar certos traços do seu comportamento. O indivíduo é, pois, um conjunto, um microcosmo da sociedade que ele compõe e não uma unidade indivisível e estática”.

O narrador é predominantemente “onisciente neutro”. Ao representar a realidade em terceira pessoa, ele descreve e explica os personagens para o leitor. Todavia, ele mantém-se ausente no que concerne a instruções e comentários gerais sobre o comportamento dos protagonistas. Ao tratar de um termo delicado e polêmico como a homossexualidade, o narrador procurou abster-se de visões pessoais a respeito do contexto social, conservador e religioso no qual os protagonistas estão envolvidos.

A técnica utilizada pela autora, para a apuração dos dados, foi a entrevista pessoal de profundidade e o diálogo informal realizados na própria casa dos entrevistados, no município de Canguaretama. A entrevista é uma técnica de interação social, engrandecendo o conhecimento dos partícipes (MEDINA, 1990), vale lembrar que “nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobretudo no nível de sensibilidade” (MEDINA, 2004, p. 30-31).

Neste contexto, a escolha do ambiente já familiarizado aos personagens principais foi o principal método adotado para a construção da narrativa. Entrevistar Anderson e George no local em que esses vivem impulsionou o desenvolvimento de um diálogo sensível e que também forneceu subsídios para a descrição de características inerentes aos protagonistas; a rua em que moram, a casa que construíram, a classe social em que estão inseridos, dentre outros.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem narrativa possui como personagens principais Anderson Carlos da Silva e George Tales da Silva, ambos moradores da comunidade do Mangueirão, no município de Canguaretama, interior do estado do Rio Grande do Norte.

No dia 22 de setembro de 2011 me convocaram para uma difícil missão: falar sobre um casamento homossexual ocorrido em um município localizado a aproximadamente 60 km da capital potiguar. O projeto de extensão Jornal Livre começava os primeiros trabalhos e o foco da pauta, que me fora enviada por email, dizia as seguintes palavras: “*Em Canguaretama dois homens celebraram no cartório a primeira união homossexual estável*

da cidade, após a decisão do STF [Superior Tribunal Federal] que permitiu isso. A história torna-se inusitada não por isso, mas pelo fato de Madyllaine, codinome de Anderson Carlos da Silva, ter se casado de vestido branco, véu e grinalda, como manda o figurino. [...] Esse será o gancho para discutir o preconceito que cerca as relações homossexuais. Primeiramente, poderíamos ver como esse fato repercutiu na cidade e como é o cotidiano no casal em Canguaretama [...] A proposta feita em reunião seria viajar até Canguaretama [...] para conversar in loco com os personagens. Não temos o telefone de contato do casal, mas imagino que não seja difícil encontrá-los, [...] Vale lembrar que o foco do material seria o fato inusitado de a celebração da união ter ocorrido como casamentos em igrejas católicas, onde há cerimônia e a mulher se veste de branco. [...]

A partir daí começava o processo de produção da matéria, que não foi fácil. Tentei o número dos telefones de alguns blogueiros do município disponíveis em sites da cidade, mas não conseguia estabelecer o primeiro contato com nenhum. Após várias tentativas, um deles finalmente me atendeu e para minha surpresa fora extremamente rude após eu perguntar se ele conhecia Anderson e George. Para a minha sorte eu também havia enviado emails me apresentando, e, o homem que eu pensava que havia sido agressivo comigo me respondeu dizendo que não somente conhecia o casal como também poderia me apresentar a eles. No final a resposta para tudo: o pai do simpático garoto havia atendido ao telefone do filho anteriormente. Mal-entendidos à parte, o blogueiro da cidade se transformou com o passar do tempo em uma peça importante para a construção da matéria, até porque ele funcionara como uma espécie de assessor do casal de Canguaretama. Anderson e George não tinham telefone e, por isso, toda a marcação com as fontes passara pelas mãos do menino. Fora ele também o responsável por levar a equipe de reportagem, que era formada por mim e mais dois coordenadores do projeto Jornal Livre, até a casa do casal.

O processo de apuração fora realizado mediante uso de caneta, bloco de notas e gravador de som. Ouvi a gravação duas vezes e chequei todos os dados antes de começar a produzir a matéria e pensei diversas vezes em qual seria a melhor linguagem para descrever a narrativa. Inicialmente, produzi a matéria em uma semana. Todavia, creio que somente depois de incontáveis revisões ela encontra-se pronta para ser publicada. “Apurar bem exige tempo. Escrever bem exige tempo. E não existe mais razão de jornal ser feito às pressas” (NOBLAT, 2010, p. 38). Para ilustrar a matéria e descrever detalhes dos eventos de oficialização do relacionamento e da lua de mel, requisitei aos personagens principais

fotografias feitas por eles mesmos dos dias em questão (esse material se encontra na parte de “apêndice”, no corpo do texto).

As primeiras linhas já iniciam o processo de naturalização do tema. A revelação do nome de registro de nascença de Madyllaine apenas no final do primeiro “ato” evidencia as emoções comuns femininas sentidas por ela e outras mulheres no dia do casamento: a ansiedade, a alegria, o receio. Ao contato inicial, a intenção é causar no leitor a ideia de que aquele é mais um relacionamento dentre tantos outros e uma união fruto da dedicação de dois seres humanos que nutrem sentimentos um pelo outro.

O segundo ato começa através da contextualização da história: é o interesse jornalístico que entrou em cena, transbordando e apurando informações sobre um evento que quebrou paradigmas de um contexto social, todavia, o narrador volta para o foco da narrativa através da descrição de traços físicos e da personalidade dos personagens.

O terceiro ato fora o mais difícil de ser produzido. Isso porque George era tímido e não proferia muitas palavras sobre ele. Nesse contexto, a minha intenção foi situar o leitor sobre o passado dos personagens. Como eles eram na infância? O que gostavam? Como era a relação com os familiares? Eles gostavam de coisas diferentes dos amigos da mesma idade?

Já o quarto ato fecha o ciclo da narrativa ao fazer um balanço de todas as coisas apuradas pela repórter e acumuladas pelo casal. O trecho final não contextualiza apenas tudo o que eles disseram ter conseguido alcançar, mas também o que eles almejam para o futuro. A possibilidade de um herdeiro dá a entender o novo ciclo de dificuldades que o casal irá enfrentar; a adoção e criação de uma criança em um ambiente conservador.

A reportagem narrativa tem ao todo 15.636 caracteres. Durante a escrita foi difícil manter-se inerte ao contexto social vivenciado pelos protagonistas. Embora diversas atitudes dos moradores, que vão de encontro aos direitos humanos, impulsionassem um sentimento discordante, a autora optou pela tentativa de escritura de uma narração livre de comentários pessoais e a mais aproximada da realidade possível. Sobre isso, Melo (1994, p. 27) questiona “até que ponto o jornalismo informativo limita-se a informar e até que ponto o jornalismo opinativo circunscreve-se ao âmbito da opinião”, mas ele também afirma que mesmo assim isso “não altera fundamentalmente o resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade que tem acesso ao universo temático e conteudístico manufaturado continuamente” (MELO, 1994, p. 24).

6 CONSIDERAÇÕES

Pautas como essa não servem apenas de orientação para a apuração de uma reportagem, são também agulhas que apontam para o sentido norteador do diálogo. Não apenas o diálogo como método eficaz de compartilhamento de conceitos, mas sim como objeto de discussão de pré-conceitos. Não é a história de Anderson e George que transformou-se em reportagem, é a narração de um enredo que é reproduzido em tantos outros municípios do interior, com tantos outros personagens principais. O repórter, através da liberdade criativa, tem a capacidade de arranjar palavras e contar histórias. Narrativas que emergem em um discurso amplo e que atingem receptores múltiplos em múltiplas interpretações. No desenlace de um discurso, diversas vidas se enlaçam.

Nós podemos analisar o contexto social em que todos vivemos a partir de um personagem em uma matéria, basta acreditar e ouvir o que as pessoas tem a nos dizer. Dá pra saber muito sobre o desemprego através do Seu José que reside em um bairro humilde, tem seis filhos e faz malabarismos para mantê-los vivos. Dá pra se manter informado sobre o diagnóstico precoce de uma doença através do Seu João da Padaria, que possui câncer de próstata e continua a sorrir. Dá pra tomar conhecimento de uma parte da história da sua cidade através de uma comemoração da comunidade bairrista local. Dá pra refletir sobre a cultura do homem brasileiro através da atitude do ex-deputado. Dá pra entender um pouco da negligência da sociedade brasileira aos princípios dos direitos humanos através da narrativa do enredo de Madyllaine e George.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 3. ed. Rio de Janeiro - Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.

DINES, Alberto. **O Papel do jornal**. 7. ed. São Paulo: Summus, 2001.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário. São Paulo: Ed Ática, 1978.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. 4. ed. , São Paulo: Ática, 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem**- Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista** – O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda** – Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NECCH, Vitor (2009), “**A (im)pertinência da denominação**”. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia: Núcleo Temático, 1, 99-109.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

REZENDE, Fernando. **Textuações**: ficção e fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe. São Paulo: Ed. Annablume, 2002.